

# LUÍS DA CÂMARA CASCUDO: UM MESTRE E UMA FONTE

Eduardo Diatahy B. de Menezes\*

*«O Brasil não tem problemas, só soluções adiadas.»*

Começo por uma evocação pessoal. Em fins de março de 1977, estava eu em Natal, a proferir curso para professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, quando tentei restabelecer contacto com Câmara Cascudo, que eu conhecera anos antes, aqui em Fortaleza, no Instituto de Antropologia (UFC) e com quem me correspondia.

Por questão de saúde, as visitas estavam suspensas. Vali-me de uma das alunas, amiga da família, para obter esse privilégio: a entrevista fora marcada para as 15h00 do dia 30. E na hora aprazada lá estava eu no endereço do célebre casarão em que residia, na Avenida Junqueira Aires, n.º 377, naquela tarde morna da casa-grande batida de sol.

A despeito de sua idade avançada, recebeu-me jovial, indicou-me uma cadeira de balanço, deu-me uma tábua, caderno e lápis e foi dizendo: *«Aqui nesta casa só eu falo e se o Senhor tentar fazê-lo, está a perder tempo, pois seu velho amigo está surdo como esta madeira!»* Estabeleceu-se assim insólito diálogo, em que eu escrevia minhas indagações e ele espargia sua sabença ilimitada. Já era noite quando me levou para o interior de sua biblioteca e me presenteou com seu precioso *Religião no Povo*, em que inseriu cartão de visita, onde escreveu com letra firme este oferecimento generoso: *«Para o confrade Eduardo Diatahy B. de Menezes – grata saudação à sua presença, 30/III/77, Luiz da Câmara Cascudo.»*

Foi nossa despedida, pois não voltei mais a vê-lo pessoalmente.

Este ano de 2006, o vigésimo após sua morte, é ocasião propícia a recordar a existência marcante e fecunda de Mestre Cascudo, esta fonte inesgotável de sapiência de

nossas coisas, este *brasileirista* – como lhe chamou Carlos Drummond de Andrade – cujo centenário de nascimento se comemorou no dia 30 de dezembro de 1998.

Com efeito, filho do Coronel Francisco Cascudo, diretor de *A Imprensa*, e de D. Anna Maria da Câmara Cascudo, nasceu ele quase no penúltimo ano do século XIX, em Natal, na Rua das Virgens, hoje portando seu nome, e onde há uma placa comemorativa em que se lê: «*historiador da cidade de Natal, mestre do folclore e glória definitiva da cultura brasileira*».

«Filho único de Francisco Justino de Oliveira Cascudo e Anna Maria da Câmara Cascudo, ele comerciante e coronel da Guarda Nacional, ela dos afazeres domésticos, nasceu Luís da Câmara Cascudo em Natal, a 30/12/1898, onde viveu 88 anos até seu coração parar na tarde do dia de 30/7/1986. Na água do primeiro banho a mãe despejou um cálice de Vinho do Porto para o filho ter saúde e o pai a temperou com um Patacão do Império para merecer fortuna. O padre João Maria, um santo da cidade, batizou-lhe no bom Jesus das Dores, e a poetisa Auta de Souza, amiga de sua mãe, embalou seu choro forte de menino-homem.

Sonhou ser jornalista e foi. Seu pai nessa época ainda era um homem rico e instalou o jornal *A Imprensa* para seu filho. Nas suas páginas, o estudante que lia até a madrugada passou a exercitar o gosto de escrever, mantendo uma coluna que chamou de *Bric-a-Brac* (...) observando a paisagem humana e cultural da cidade e sua gente. Seu primeiro livro, *Alma Patrícia*, sai em 1921. É a reunião de pequenos estudos sobre poetas e prosadores na Natal de seu tempo.

VICENTE SEREJO

Fez seus estudos de Humanidades no Ateneu Norte-Rio-Grandense e posteriormente ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia (1918) e depois na do Rio de Janeiro (1919-1922), que largou no 4º ano por dificuldades financeiras. Forma-se enfim em Direito na Faculdade do Recife (1924-1928). Iniciou suas atividades intelectuais pelo jornalismo e a crítica literária (*Alma Patrícia*, seu primeiro livro é de 1921).

Anos depois, com a tese *Da Intencionalidade do Descobrimento do Brasil*, conquista a cátedra de História do Brasil do Ateneu em que estudara; ensina ainda Etnografia Geral na Faculdade de Filosofia e conquista o posto de professor de Direito Internacional Público da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, de onde se aposenta em 1966. Excetuada a extensa colaboração esparsa em periódicos, é em especial autor de imensa obra com quase duas centenas de publicações entre livros, traduções, opúsculos, etc..

«Quando eu vim para Natal, aos treze anos, eu já gostava de literatura, literatura do interior, e meu pai me disse o seguinte: ‘Em Natal tem um rio chamado Luís da Câmara Cascudo, o resto é tudo riacho’. Com isso eu me aproximei do velho e ele me recebeu. Eu fiquei encantado porque ele me tratava como uma pessoa adulta, como uma pessoa interessada em cultura. (...) Então, ele me deu um curso singular, um curso diferente. Como era? Ele me emprestava um livro, um clássico – um grego, um romano ou Shakespeare – e eu tinha a obrigação de ler e voltar para ele fazendo um resumo e um comentário do que eu achei inusitado em relação à época de hoje e ao Brasil. »

DIÓGENES DA CUNHA LIMA.

Tendo apoiado a vanguarda modernista e militado abertamente no movimento integralista brasileiro, ele vai aos poucos concentrando o seu labor na ampla tarefa de investigação tanto como historiador, em que deixa mais de meia dúzia de obras fundamentais, quanto, sobretudo, nas questões de etnografia brasileira, especialmente em suas manifestações de cultura do povo, nas quais se torna por certo uma das fontes mais seguras. Assim, há muitas décadas, os estudiosos vêm sorvendo os contributos de suas lições, particularmente neste último território.

Todavia, a exaltaçãolouvaminheira de Câmara Cascudo como folclorista, posto possa ser justa e merecida, não deixa de conter um viés empobrecedor dessa figura extraordinária, verdadeira enciclopédia de múltiplos saberes, e que foi, antes de tudo, um pensador crítico das coisas de nossa gente e de nossa cultura, e mais ainda bom historiador, armado pioneiramente de uma perspectiva antropológica que enriquecia sobremaneira tudo quanto examinava. Sem jamais ter abandonado sua vocação original de jornalista-reporter. Eis por que, um dia, reagiu de forma incisiva a essa sua identificação automática como “folclorista”: *«Faço questão de ser tratado por esse vocábulo que tanto amei: professor. Os jornais, na melhor ou na pior das intenções, me chamam folclorista. Folclorista é a puta que os pariu. Eu sou um professor. Até hoje minha casa é cheia de rapazes me perguntando, me consultando. »*

«Pouco se tem enfatizado na obra de Luís da Câmara Cascudo o poder de sugestão lírica que está presente em grande parte do que escreveu, com mão inaugural de quem surpreende a intacta e poderosa poesia das coisas – “*sut lacrimae rerum*”. Não só do tradutor de Walt Whitman e do estudioso do Poeta Antônio Nobre, o físico genial português, que arrancou de Cascudo um estudo de uma simpatia humana profunda...»

Certa vez, em tarde libérrima do bairro da Ribeira, ouvimo-lo falar horas inteiras, em tom menos professoral, mas de evidente didatismo empático, sobre a história da poesia no mundo, desde as antigas civilizações, a caldéia e a mesopotâmica, quando o homem olhava nas estrelas do céu, contando-as astronomicamente, seu encantório espanto diante de Deus, que se revelava, em poesia, na mecânica celeste. Até chegar os poetas modernos de sua admiração. E, ninguém, mais moderno, dentro da moldura do seu espírito, do que, por exemplo, Dante, lido e relido religiosamente, a cada ano, na época de carnaval... (...) Quantas vezes, acordou dona Dahlia, sua mulher, em plena madrugada, para mostrar-lhe a Estrela Dalva!

Outro tema ainda não explorado: o epistológrafo. Foi o diuturno escrevente de cartas, para o mundo inteiro, que o fez relacionar-se, em qualquer lugar, com tudo e com todos. Tivemos em mãos, sua correspondência recebida. Eram mais de 40 cartas de Mário de Andrade, hoje, obviamente significativas para o estudo da cultura brasileira. Como também as de Monteiro Lobato. »

SANDERSON NEGREIROS.

Se deixarmos de lado produções menores anteriores, sua primeira obra fundamental é, sem dúvida, *Vaqueiros e Cantadores*, publicada em 1939 pela Livraria do Globo, na coleção “Biblioteca de Investigação e Cultura” dirigida por Josué de Castro, onde examina os romances tradicionais em verso, as formas mnemônicas de poesia popular, a cantoria, os ciclos do gado e do cangaço. Em seguida, dedica-se aos contos, lendas, mitos, às novelas populares, e ao conjunto de nossa literatura oral, em livros seminais como *Contos Tradicionais do Brasil* (1946), *Geografia dos Mitos Brasileiros* (1946, com que ganha prêmio da Academia Brasileira de Letras), *Literatura Oral* (1952, vol. VI da *História da Literatura Brasileira* dirigida por Álvaro Lins), *Cinco Livros do Povo* (1953); e em 1954 reedita com notas e comentários os 3 volumes da edição original (Lisboa, 1885) de *Contos e Cantos Populares do Brasil*, de Sylvio Romero. Mas o coroamento do conjunto de sua obra nessa área é o monumental *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1954), de que a 2ª (1962) e a 3ª edição (1972) acrescentam mais de duas centenas de novos verbetes, ampliando a colaboração assinada de vários estudiosos do norte ao sul do país.

« — Já consultou o Cascudo? O Cascudo é quem sabe. Me traga aqui o Cascudo. O Cascudo aparece, e decide a parada. Todos o respeitam e vão por ele. Não é propriamente uma pessoa, ou antes, é uma pessoa em dois grossos volumes, em forma de dicionário que convém ter sempre à mão, para quando surgir uma dúvida sobre costumes, festas, artes do nosso povo. Ele diz tintim-por-tintim a alma do Brasil em suas heranças mágicas, suas manifestações rituais, seu comportamento em face do mistério e da realidade comezinha. Em vez de falar *Dicionário do Folclore Brasileiro* poupa-se tempo falando “o Cascudo”, seu autor, mas o autor não é só dicionário, é muito mais, e sua bibliografia de estudos folclóricos e históricos marca uma bela vida de trabalho inserido na preocupação de “viver” o Brasil.

**Agora, mandam dizer de Natal que vão comemorar os 50 anos de atividades culturais, os 70 anos de idade de Luís da Câmara Cascudo, o que é de inteira justiça. Este fez coisas dignas de louvor, em sua contínua investigação de um sentido, uma expressão nacional que nos caracterize e nos fundamente na espécie humana. »**

**CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE**

Também, antes e após, foi revelando o catimbó, a jangada, a rede, e inumeráveis ensaios sobre usos e costumes, superstições e crendices, ritos, jogos e festas, gestos, tradições e maneiras de ser do povo, a erudita história de nossa alimentação, etc. Deixa ainda, em 2 tomos, uma obra de síntese conceptual da etnografia geral, cujo manuscrito desapareceu e ressurgiu após vários anos, bastante mutilado, sendo fruto de cuidadosa reelaboração: *Civilização e Cultural* (1973).

Cascudo morreu em 1986. Mesmo num autor que tinha o hábito de atribuir subtítulos modestos a seus livros com a expressão “*Pesquisas e Notas*”, é quase leviano pretender resumir aqui sua fértil erudição, seu primoroso estilo e a produção original e inovadora de quase 70 anos de investigação. É óbvio que teve precursores reconhecidos, como o maranhense Celso de Magalhães (*A Poesia Popular Brasileira*, 1873), o pesquisador pernambucano Pereira da Costa (*Folk-lore Pernambucano*, 1907), Sylvio Romero, Mello Moraes Filho, etc. Ele é, porém, o grande estuário da compreensão do nosso povo, de cuja ciência dizia de modo saboroso:

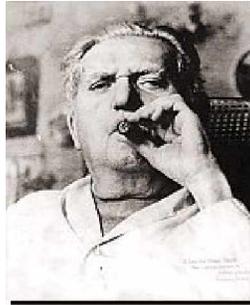
«*Saber mais do que o povo é privilégio do Espírito Santo.* »

**Fortaleza, 17 Agosto de 2006.**

**\* Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará e Titular de Sociologia da Universidade Estadual do Ceará; membro do Instituto Histórico do Ceará, da Academia Cearense de Letras e da Academia Cearense de Ciências.**



Casarão em que viveu em Natal.



Cascudo e seu charuto.



Do Blog do Cascudo na Internet.

\*\*\*\*\*

## Um provinciano incurável

Câmara Cascudo

«*Mon pays entier vit et pense en mon corps...*»

VERHAEREN

Nasci na Rua das Virgens e o Padre João Maria batizou-me no Bom Jesus das Dores, Campina da Ribeira, capela sem torre, mas o sino tocava as Trindades ao anoitecer. Criei-me olhando o Potengi, o Monte, os mangues da Aldeia Velha onde vivera, menino como eu, Felipe Camarão. Havia corujas de papel no céu da tarde e passarinhos nas árvores adultas, plantadas por Herculano Ramos. Natal de noventa e seis lampiões de querosene. Santos Reis da Limpa em janeiro. Santa Cruz da Bica em maio. Senhora d'Apresentação em novembro. Farinha de castanhas e carrossel. Xarias e Canguleiros. Natal que se apavorou com o holofote, enchendo as igrejas de bramidos e arrependimentos. Auta de Souza embalou-me o sono. Pedro Velho pôs-me na perna. Vi Segundo Wanderley declamar. Ferreira Itajubá cantando. Alberto Maranhão passeando a cavalo, manhã do domingo. Tinha treze anos quando veio a luz elétrica. Festas no Tirol. Violão de Heronides França. Livros. Cursos. Viagens. Sertão de pedra e Europa.

Nunca pensei em deixar minha terra.

Queria saber a história de todas as cousas do campo e da cidade. Convivências dos humildes, sábios, analfabetos, sabedores dos segredos do Mar, das Estrelas, dos morros silenciosos. Assombrações. Mistérios. Jamais abandonei o caminho que leva ao encantamento do passado. Pesquisas. Indagações. Confidências que hoje não têm preço. Percepção medular da contemporaneidade. Nossa casa no Tirol hospedou a Família Imperial e Fabião das Queimadas, cantador que fora escravo. Intimidade com a velha Silvana, Cebola quente, alforriada na Abolição. Filho único de chefe político, ninguém acreditava no meu desinteresse eleitoral.

Impossível, para mim, dividir conterrâneos em cores, gestos de dedos, quando a terra é uma unidade com sua gente. Foram os motivos de minha vida expostos em todos os livros. Em outubro de 1968 terei meio século nessa obstinação sentimental. Devoção aos mesmos santos tradicionais.

Meu povo tem a mesma idade para o interesse e a valorização afetuosa.

Dois homens quiseram fixar-me fora de Natal:- Getúlio Vargas no Rio de Janeiro e Agamenon Magalhães no Recife. Jamais os esquecerei, porque nada pedira. Alguém deveria ficar estudando o material economicamente inútil. Poder informar dos fatos distantes na hora sugestiva da necessidade.

Fiquei com essa missão. Andei e li o possível no espaço e no tempo. Lembro conversas com os velhos que sabiam iluminar a saudade. Não há um recanto sem evocar-me um episódio, um acontecimento, o perfume duma velhice. Tudo tem uma história digna de ressurreição e de simpatia. Velhas árvores e velhos nomes, imortais na memória.

Em 1946 fiz parte de uma comissão enviada pelo Ministério das Relações Exteriores ao Uruguai. Éramos três: Aloísio de Castro, Angione Costa e eu, único sobrevivente.

Voltando, contou-me Aloísio de Castro que Afrânio Peixoto, sabendo da expedição cultural, dissera num leve riso: – “E ele deixou o Rio Grande do Norte? Câmara Cascudo é um provinciano incurável!”

Encontrara meu título justo, real, legítimo.

PROVINCIANO INCURÁVEL!

Nada mais.

\* \* \*

**Este texto, escrito pelo próprio Cascudo, foi publicado pela primeira vez no livro *Província*, editado pela Fundação José Augusto, em 1969. Desde então, tem sido presença obrigatória em qualquer obra sobre Cascudo.**

\*\*\*\*\*

## **Obra DE Câmara Cascudo**

A partir de seu acervo, Carlos Lyra dividiu a obra de Cascudo em *livros* e *plaquetes* (livretos). Utilizamos o livro de Zila Mamede, *Luís da Câmara Cascudo: cinquenta anos de vida intelectual; 1918-1968; bibliografia anotada*, de 1970, para [complementar](#) a bibliografia abaixo.

Aos poucos serão acrescentados pequenos comentários e trechos dos livros abaixo relacionados. Atualmente já estão disponíveis [20 edições das Actas Diurnas](#) e [6 lendas](#), com desenhos a carvão de Martha Pawlowna Schidrowitz para uma edição especial, numerada e personalizada do livro *Lendas brasileiras*, editado em 1945 pela Cattleya Alba - Confraria dos Bibliófilos Brasileiros.

## **Bibliografia**

### **Livros**

- 001 – Alma Patrícia, crítica literária – Atelier Typ. M. Vitorino, 1921
- 002 – Histórias que o tempo leva – Ed. Monteiro Lobato, S. Paulo, (out. 1923), 1924.
- 003 – Joio – crítica e literatura – Of. Graph. d’A Imprensa, Natal (jun), 1924
- 004 – Lopez do Paraguay – Typ. d’A República, 1927
- 005 – Conde d’Eu – Ed. Nacional, 1933

- 006 – O homem americano e seus temas – Imprensa Oficial, Natal, 1933
- 007 – Viajando o sertão – Imprensa Oficial, Natal, 1934
- 008 – Em memória de Stradelli – Livraria Clássica, Manaus, 1936
- 009 – O Doutor Barata – Imprensa Oficial, Bahia, 1938
- 010 – O Marquês de Olinda e seu Tempo – Ed. Nacional, S. Paulo, 1938
- 011 – Governo do Rio Grande do Norte – Liv. Cosmopolita, Natal, 1939.
- 012 – Vaqueiros e Cantadores – (Globo, 1939) – Ed. Itatiaia, S. Paulo, 1984.
- 013 – Antologia do Folclore Brasileiro – Martins Editora, S. Paulo, 1944
- 014 – Os melhores contos populares de Portugal – Dois Mundos, 1944
- 015 – [Lendas brasileiras](#) – 1945
- 016 – Contos tradicionais do Brasil – (Col. Joaquim Nabuco), 1946 - Ediouro
- 017 – Geografia dos mitos brasileiros – Ed. José Olímpio, 1947. 2ª edição, Rio, 1976.
- 018 – História da Cidade do Natal – Prefeitura Mun. do Natal, 1947
- 019 – Os holandeses no Rio Grande do Norte – Depto. Educação, Natal, 1949
- 020 – Anubis e outros ensaios – (Ed. O Cruzeiro, 1951), 2ª edição, Funarte/UFRN, 1983
- 021 – Meleagro – Ed. Agir, 1951 – 2ª edição, Rio, 1978
- 022 – Literatura oral no Brasil – Ed. José Olímpio, 1952 – 2ª edição, Rio, 1978
- 023 – Cinco livros do povo – Ed. José Olímpio, 1953 – 2ª edição, ed. Univ. UFPb, 1979.
- 024 – Em Sergipe del Rey – Movimento Cultural de Sergipe, 1953
- 025 – Dicionário do Folclore Brasileiro – INL, Rio, 1954 – 3ª edição, 1972
- 026 – História de um homem – (João Câmara) – Depto. de Imprensa, Natal, 1954
- 027 – Antologia de Pedro Velho – Depto. de Imprensa, Natal, 1954
- 028 – História do Rio Grande do Norte – MEC, 1955
- 029 – Notas e documentos para a história de Mossoró – Coleção Mossoroense, 1955
- 030 – Trinta “estórias” brasileiras – ed. Portucalense, 1955
- 031 – Geografia do Brasil Holandês – Ed. José Olímpio, 1956
- 032 – Tradições populares da pecuária nordestina –MA-IAA n.9, Rio, 1956
- 033 – Jangada – MEC, 1957
- 034 – Jangadeiros – Serviço de Informação Agrícola, 1957
- 035 – Superstições e Costumes – Ed. Antunes & Cia., Rio, 1958
- 036 – Canto de Muro – Ed. José Olímpio, (dez. 1957), 1959
- 037 – Rede de dormir – MEC (1957), 1959 – 2ª edição, Funarte/UFRN, 1983
- 038 – Ateneu Norte-Rio-Grandense – Imp. Oficial, Natal, 1961
- 039 – Vida breve de Auta de Souza – Imp. Oficial, Recife, 1961
- 040 – Dante Alighieri e a tradição popular no Brasil – PUC, Porto Alegre, 1963 – 2ª edição Fundação José Augusto (FJA), Natal, 1979
- 041 – Dois ensaios de História – (Imp Oficial Natal, 1933 e 1934) Ed. Universitária, 1965
- 042 – História da República do Rio Grande do Norte – Edições do Val, Rio, 1965
- 043 – Made in África – Ed. Civilização Brasileira, 1965
- 044 – Nosso amigo Castriciano – Imp. Universitária, Recife, 1965
- 045 – Flor dos romances trágicos – Ed. Cátedra, Rio, 1966 – 2ª ed. Cátedra/FJA, 1982
- 046 – Voz de Nessus – Depto. Cultural, UFPb, 1966
- 047 – Folclore no Brasil – Fundo de Cultura, Rio, 1967 – 2ª edição, FJA, Natal, 1980
- 048 – História da alimentação no Brasil – Ed. Nacional (2 vols.) fev. 1963), 1967, (col. Brasiliana 322 e 323) – 2ª ed. Itatiaia, 1983
- 049 – Jerônimo Rosado (1861-1930) – ed. Pongetti, Rio, 1967
- 050 – Seleta, Luís da Câmara Cascudo – Ed. José Olímpio, Rio, 1967 – org. por Américo de Oliveira Costa. – 2ª Ed. 1972.

- 051 – Coisas que o povo diz – Bloch, 1968  
052 – Nomes da Terra – Fundação José Augusto, Natal, 1968  
053 – O tempo e eu – Imp. Universitária – UFRN, 1968  
054 – Prelúdio da cachaça – IAA, (maio, 1967), 1968  
055 – Pequeno manual do doente aprendiz – Ed. Universitária – UFRN, 1969  
056 – Gente viva – Ed. Universitária UFPE, 1970  
057 – Locuções tradicionais no Brasil – UFPE, 1970 – 2ª edição, MEC, Rio, 1977  
058 – Ensaio de etnografia brasileira – INL, 1971  
059 – Na ronda do tempo – Ed. Universitária, UFRN, 1971 (livro biográfico)  
060 – Sociologia do Açúcar – MIC – IAA, 1971. Coleção Canavieira n. 5  
061 – Tradição, ciência do povo – Perspectiva, S. Paulo, 1971  
062 – Ontem – (magações) – Ed. Universitária UFRN, 1972  
063 – Uma História da Assembléia Legislativa do RN – FJA, 1972  
064 – Civilização e cultura (2 vol.) – MEC/Ed. José Olímpio, 1973  
065 – Movimento da independência no RN – FJA, 1973  
066 – **O Livro das velhas figuras** – (6 vol.) – 1, 1974; 2, 1976; 3, 1977; 4, 1978; 5, 1981; 6, 1989 – Inst. Histórico e Geográfico do RN  
067 – Prelúdio e fuga do real – FJA, 1974  
068 – Religião no povo – Imprensa Universitária, UFPb, 1974  
069 – História dos nossos gestos – Ed. Melhoramentos, 1976  
070 – O Príncipe Maximiliano no Brasil – Kosmos editora, 1977  
071 – Antologia da alimentação no Brasil – Livros Técnicos e Científicos ed., 1977  
072 – Três ensaios franceses, FJA, 1977 (do “Motivos da Literatura Oral da França no Brasil”, Recife, 1964 – Roland, Mereio e Heptameron)  
073 – Mouros e Judeus – Depto. de Cultura, Recife, 1978  
074 – Superstição no Brasil – Itatiaia, S. Paulo, 1985

## **Plaquetes**

- 075 – Da poesia popular narrativa no Brasil – Universidade Nacional do México, 1971  
076 – Às de Vila Diogo – Museu de Etnografia e História – Junta Distrital do Porto  
077 – Assunto gago – Museu de Etnografia e História – Junta Distrital do Porto  
078 – Ceca e Meca – Museu de Etnografia e História – Junta Distrital do Porto  
079 – O morto no Brasil – Museu de Etnografia e História – Junta Distrital do Porto  
080 – Água do Lima no Capibaribe – Museu de Etnografia e História – Junta Distrital do Porto  
081 – Visão do Folclore Nordestino – Museu de Etnografia e História – Junta Distrital do Porto  
082 – Uma nota sobre o cachimbo inglês – Museu de Etnografia e História – Junta Distrital do Porto  
083 – Folclore nos Autos Camoneanos – Museu de Etnografia e História – Junta Distrital do Porto  
084 – Divórcio no talher – Museu de Etnografia e História – Junta Distrital do Porto  
085 – A cozinha africana no Brasil – Publicações do Museu de Angola, Luanda, 1964  
086 – Ancha es Castilla! – Academia de Ciências de Lisboa, 1967  
087 – Três notas brasileiras – Junta Distrital de Lisboa, 1970  
088 – Conferência (Tricentenário dos Guararapes) – Arquivo Público, Recife, 1949  
089 – A função dos arquivos – Arquivo Público Estadual, Recife, 1956  
090 – Desplantes – Revista do Arquivo Municipal – S. Paulo  
091 – Paróquias do Rio Grande do Norte – Depto. Imprensa, Natal, 1955  
092 – A família do Padre Miguelinho – Coleção Mossoroense, 1960  
093 – Ateneu Norte-Riograndense – Coleção “Juvenal Lamartine”, Natal, 1961

- 094 – Breve História do Palácio da Esperança – Depto. Imprensa, Natal, 1961
- 095 – A vaquejada nordestina e sua origem – FJA, 1976
- 096 – Mitos brasileiros – Cadernos de Folclore n. 6, MEC, 1976
- 097 – Paliçadas e gases asfixiantes entre os indígenas da América do Sul – Ed. Biblioteca do Exército, 1961
- 098 – Versos (Lourival Açucena) – Typ. A República, Natal, 1927
- 099– A Carnaúba – in Revista Brasileira de Geografia, p. 159 – IBGE, 1964
- 100 – Alexander Von Humboldt – 1969
- 101 – Natal – (Revista Potyguar), 1939 – Coleção Mossoroense, 1991
- 102 – Caraúbas, Assu e Santa Cruz – (Revista Potiguar, 1938), Coleção Mossoroense, 1991
- 103 – Paróquias do Rio Grande do Norte – Depto. Imprensa, 1955 – Coleção Mossoroense, 1992
- 104 – Três poemas de Walt Whitman – Imprensa Oficial, Recife, 1957 – Coleção Mossoroense, 1992
- 105 – Mossoró e Moçoró – Coleção Mossoroense, 1991 – Consultando São João – Depto. Imprensa, Natal, 1949.

### **Mais plaquetes e outras publicações**

- 106 - O mais antigo marco colonial do Brasil. 1934
- 107 - Intencionalidade no descobrimento do Brasil. Natal, 1935
- 108 - O homem americano e seus temas. Natal, 1935
- 109 - Uma interpretação da couvade. São Paulo, 1936
- 110 - Conversas sobre a hipoteca. São Paulo, 1936
- 111 - Os índios conheciam a propriedade privada. São Paulo, 1936
- 112 - O brasão holandês no Rio Grande do Norte. 1936
- 113 - Notas para a história do Ateneu. Natal, 1937
- 114 - O marquês de Olinda e o seu tempo. São Paulo, 1938
- 115 - Peixes no idioma tupi. Rio de Janeiro, 1938
- 116 - Governo do Rio Grande do Norte. Natal, 1939
- 117 - Informação de história e etnografia. Recife, 1940
- 118 - O nome potiguar. Natal, 1940
- 119 - O povo do Rio Grande do Norte. Natal, 1940
- 120 - As lendas de Estremoz. Natal, 1940
- 121 - Fanáticos da serra de João do Vale. Natal, 1941
- 122 - O presidente parrudo. Natal, 1941
- 123 - Seis mitos gaúchos. Porto Alegre, 1942
- 124 - Sociedade Brasileira de Folclore. 1942
- 125 - Lições etnográficas das Cartas Chilenas. São Paulo, 1943
- 126 - Antologia do folclore brasileiro. São Paulo, 1944
- 127 - Os melhores contos populares de Portugal. Rio de Janeiro, 1944
- 128 - Simultaneidade de ciclos temáticos afro-brasileiros. Porto, 1948
- 129 - Tricentenário de Guararapes. Recife, 1949
- 130 - Gorgoncion; estudo sobre amuletos. Madri, 1949
- 131 - Consultando São João. Natal, 1949
- 132 - Ermet Mell' Acaia e la consulta degli oracoli. Nápoles, 1949
- 133 - O folclore nos autos camponeanos. Natal, 1950
- 134 - Custódias com campainhas. Porto, 1951
- 135 - Conversa sobre direito internacional público. Natal, 1951
- 136 - Os velhos estremezes circenses. Porto, 1951
- 137 - Atirei um limão verde. Porto, 1951

- 138 - Com Dom Quixote no folclore brasileiro. Rio de Janeiro, 1952
- 139 - A mais antiga igreja do Seridó. Natal, 1952
- 140 - O fogo de 40. Natal, 1952
- 141 - O poldrinho sertanejo e os filhos do vizir do Egito. Natal, 1952
- 142 - Tradición de un cuento brasileiro. Caracas, 1952
- 143 - História da imperatriz Porcina. Lisboa, 1952
- 144 - A origem da vaquejada do nordeste brasileiro. Porto, 1953
- 145 - Alguns jogos infantis no Brasil. Porto, 1953
- 146 - Casa dos surdos. Madri, 1953
- 147 - Contos de encantamento. 1954
- 148 - Contos exemplares. 1954
- 149 - No tempo em que os bichos falavam. 1954
- 150 - Comendo formigas. Rio de Janeiro, 1954
- 151 - Os velhos caminhos do Nordeste. Natal, 1954
- 152 - Cinco temas do Heptameron na literatura oral. Porto, 1954
- 153 - Pereira da Costa, folclorista. Recife, 1954.
- 154 - Lembrando Segundo Wanderley. Natal, 1955
- 155 - Notas sobre a paróquia de Nova Cruz. Natal, 1955
- 156 - Leges et consuetudines nos costumes nordestinos. Havana, 1955
- 157 - História do município de Santana do Matos. Natal, 1955
- 158 - Vida de Pedro Velho. Natal, 1956
- 159 - Comadre e compadre. Porto, 1956
- 160 - Tradições populares da pecuária nordestina. Rio de Janeiro, 1956
- 161 - Universidade e civilização. Natal, 1959
- 162 - A noiva de arraiolos. Madri, 1960
- 163 - Temas do Mireio no folclore de Portugal e Brasil. Lisboa, 1960
- 164 - Conceito sociológico do vizinho. Porto, 1960
- 165 - Etnografia e direito. Natal, 1961
- 166 - Grande fabulário de Portugal e Brasil. Lisboa, 1961
- 167 - Motivos da literatura oral da França no Brasil. Recife, 1964
- 168 - Prelúdio e fuga. Natal, [1966] 107. Voz de Nessus (inicial de um Dicionário brasileiro de superstições). Paraíba, 1966
- 169 - Mouros, franceses e judeus; três presenças no Brasil. Rio de Janeiro, 1967

### **Outras traduções e anotações**

- 170 - Açucena, Lourival. Versos reunidos. 1920
- 171 - Montaigne e o índio brasileiro. São Paulo, 1940. Tradução e notas do capítulo 'Des caniballes', dos *Essais*
- 172 - Koster, Henri. Viagens ao Brasil. São Paulo, 1942. Tradução e notas
- 173 - Viagens ao Nordeste do Brasil - Henry Koster (tradução comentada) Estado de Pernambuco, 1942 e 2ª ed. 1978
- 174 - Hart, Charles Frederick. Os mitos amazônicos da tartaruga. 1952
- 175 - Romero, Sílvio. Contos populares do Brasil. Rio de Janeiro, 1954. Introdução e notas.
- 176 - Romero, Sílvio. Cantos populares do Brasil. 2
- 177 - Barbosa, Domingos Caldas. Poesia. 1958
- 178 - Nobre, Antônio. Poesia. 1959

179 - Melo Moraes Filho. Festas e tradições populares do Brasil. Belo Horizonte, 1979. Revisão e notas

180 - Melo Moraes Filho. Os ciganos e cancionero dos ciganos. Belo Horizonte, 1981. Revisão e notas.

### **Inéditos**

181 - História da literatura norte-riograndense

182 - História do município do Ceará-Mirim

183 - História do Rio Grande do Norte para as escolas

184 - História da carnaúba

185 - Nomes de ruas e praças da cidade do Natal

186 - O livro dos patronos

187 - Brazilian Folk-lore

188 - J. Poranduba Amazonense, de Barbosa Rodrigues

189 - Mitologia indígena do Amazonas, de Charles Frederick Hartt

### **Livros [SOBRE](#) Câmara Cascudo**

01 - [Viagem ao Universo de Câmara Cascudo](#). Américo de Oliveira Costa, 1969.

02 - Luís da Câmara Cascudo: cinquenta anos de vida intelectual; 1918-1968; bibliografia anotada. Zila Mamede, 1970.

03 - Uma Câmara vê Cascudo. Carlos Lyra.

04 - Luís da Câmara Cascudo - Sua Vida e Sua Obra. Homenagem do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1969. Editora Pongetti.

05 - [Saturnino, Cascudo e o Clube dos Inocentes](#). José Melquíades de Macedo, 1992

06 - Lembranças do meu avô. Newton Cascudo Roberti Leite. Coleção Mossoroense - Série C - Volume 795 - 1992

07 - [Câmara Cascudo - um brasileiro feliz](#). Diógenes da Cunha Lima, 1978 (1ª edição), 1993 (2ª edição), 1998 (3ª edição).

08 - Luís da Câmara Cascudo - Bibliografia comentada; 1968-1995. Vânia Gicco, 1996.

09 - [A presença de Câmara Cascudo em Goiás](#). Seleção e organização de Getúlio Araújo, 1998.

10 - [Câmara Cascudo - Um Homem Chamado Brasil](#). Gildson Oliveira, 1998 - Editora Brasília Jurídica.